

TERRITÓRIO ANCESTRAL E O LINDÔ: práticas culturais no Quilombo Cocalinho em Santa Fé do Araguaia (TO)

ANCESTRAL TERRITORY AND LINDÔ: cultural practices in the Cocalinho Quilombo in Santa Fé do Araguaia (TO)

TERRITORIO ANCESTRAL Y LINDÔ: prácticas culturales en el Quilombo Cocalinho en Santa Fé de Araguaia (TO)

Rejane Cleide Medeiros de Almeida¹ & Josione Pereira da Silveira²

Resumo: O Quilombo Cocalinho é reconhecido como quilombo desde o ano de 2006; todavia, apesar deste reconhecimento, a comunidade, em 2023, ainda não possui a demarcação do seu território de forma oficializada. O presente texto aborda os antecedentes históricos da territorialização do quilombo Cocalinho a partir de narrativas de moradores considerados guardiões dos seus saberes ancestrais. O texto relata e descreve a dança do lindô analisando suas características e o cancionário a partir de relatos orais. Este texto é fruto das discussões e resultados da pesquisa de mestrado intitulada *Lindô e Pagode: Saberes Ancestrais da Comunidade Quilombola Cocalinho em Santa Fé do Araguaia/TO*; essa pesquisa que ainda se encontra em

¹ Professora do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6357708608591766>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4054-0402>. Email: rejmedeiros@uft.edu.br.

² Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6798672937787455>. ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-8566-2860>. Email: josionesilveira@hotmail.com.

desenvolvimento. A metodologia da história oral foi desenvolvida a partir de diálogos com autores que versam sobre a temática proposta. Em respeito aos interlocutores, as narrativas dos entrevistados foram transcritas a partir de seus próprios costumes linguísticos. Os resultados apontam que o território ancestral vem, ao longo dos anos, sendo invadido por produtores do agronegócio, o que impacta na qualidade de vida dos moradores. O quilombo Cocalinho vem lutando para o reconhecimento e a demarcação de seu território por parte do Estado brasileiro para, assim, manter viva suas tradições ligadas às suas ancestralidades, como o caso da dança do lindô, afinal, é no território que as identidades são fortalecidas.

Palavras-chave: Território quilombola. Quilombo Cocalinho. Dança do lindô. Ancestralidade.

Abstract: Quilombo Cocalinho has been recognized as a quilombo since 2006; however, despite this recognition, the community, in 2023, still does not have the official demarcation of its territory. The present text addresses the historical antecedents of the territorialization of the Cocalinho Quilombo from the narratives of residents considered guardians of the ancestral knowledge of the Cocalinho Quilombo. The text relates and describes the lindô dance, analyzing its characteristics and the songbook based on oral reports. This text is the result of discussions and results of the master's research entitled “Lindô and Pagode: Ancestral Knowledge of the Cocalinho Quilombola Community in Santa Fé do Araguaia-TO”, research that is still in development. The methodology is oral history and was developed from dialogues with authors who deal with the proposed theme. Out of respect for the interlocutors, the interviewees' narratives were transcribed from their own linguistic customs. The results indicate that the ancestral territory has been invaded by agribusiness producers over the years, which impact on the quality of life of the residents. The Quilombo Cocalinho has been fighting for the recognition and demarcation of its territory by the Brazilian State and thus keeping alive its traditions linked to its ancestry, such as the lindô dance, after all, it is in the territory that identities are strengthened.

Keywords: Quilombola territory. Cocalinho Quilombo. Lindô dance. Ancestry

Resumen: El Quilombo Cocalinho es reconocido como quilombo desde el año 2006; sin embargo, a pesar de este reconocimiento, la comunidad, en 2023, aún no posee la demarcación de su territorio de forma oficializada. El presente texto aborda los antecedentes históricos de la territorialización del quilombo Cocalinho a partir de narrativas de pobladores considerados guardianes de los respectivos saberes ancestrales. Este texto — que relata y describe la danza del lindô analizando sus características y el cancionero a partir de relatos orales — es fruto de las discusiones y de los resultados de la investigación de maestría *Lindô y Pagoda: Saberes Ancestrales de la Comunidad Quilombola Cocalinho en Santa Fe de Araguaia-TO*. Esa investigación todavía se encuentra en desarrollo. La metodología es la historia oral, que fue desarrollada a partir de diálogos con autores que versan sobre la temática propuesta. En respeto a los interlocutores, las narrativas de los entrevistados fueron transcritas a partir de sus propias costumbres lingüísticas. Los resultados apuntan que el territorio ancestral viene, a lo largo de los años, siendo invadido por productores del agronegocio, lo que impacta la calidad de vida de los

pobladores. El quilombo Cocalinho sigue luchando para el reconocimiento y la demarcación de su territorio por parte del Estado brasileño para mantener viva las tradiciones ligadas a sus ancestralidades, como el caso de la danza del lindó, al final es en el territorio que las identidades son fortalecidas.

Palabras clave: Território quilombola. Quilombo Cocalinho. Danza del lindó. Ancestralidad.

INTRODUÇÃO

Sempre nos divertia na minha infância jogando uma bolinha. Era um forrozin aqui acolá e o lindô também. Esse lindô foi passado de papai pra fio [...]. Eu achava bom demais. Nos meus 15 e 16 anos não perdia um forró [...]. Hoje eu me sinto bem demais, num sabe. Sou feliz aqui. Aqui que eu nasci e me criei. Construí minha família aqui, também. [...] eu acho bom demais aqui e tenho um amor pelo Cocalinho.

Aleriano Pereira da Silva, 2022.

A comunidade quilombola Cocalinho, localizada na cidade de Santa Fé do Araguaia, no norte do estado do Tocantins, teve sua gênese a partir dos processos migratórios nas décadas de 1950 e 1960. O nome Cocalinho ou Cocalim é dado pelos primeiros moradores da comunidade em referência à enorme quantidade de palmeiras babaçu que eram muito abundantes no passado. Mas, na atualidade, há poucos exemplares por conta dos desmatamentos causados principalmente pelos grandes empreendimentos capitalistas na região.

Figura 1 - Alguns dos poucos exemplares atuais da palmeira babaçu que circulam o quilombo Cocalinho em meio ao pasto e cercas de uma das fazendas que circulam a comunidade.



Fonte: Josione Pereira da Silveira, 2023.

Dos babaçuais que circulavam à comunidade quilombola Cocalinho, os moradores utilizavam as castanhas como alimento; com as palhas, cobriam suas casas. Além das palhas da palmeira babaçu os moradores antigos também utilizavam cavacos de madeira para cobrir suas moradias.

Antigos moradores contam que, em períodos de estiagem, algumas vezes as casas cobertas de palha pegavam fogo. Na atualidade, a grande maioria das casas é construída de tijolos e coberta por telhas; são poucas as casas feitas de taipas cobertas de folhas de babaçu ou louro.

Com o reconhecimento oficial do quilombo Cocalinho, a comunidade, por meio de convênios e políticas públicas, passa a ter uma melhor estrutura nas residências a partir do projeto habitacional do programa nacional de habilitação rural. Ainda com o reconhecimento, a comunidade Cocalinho pôde adquirir recursos para a construção do Centro Cultural com espaço para o funcionamento do escritório da associação dos moradores. A associação dos moradores da comunidade Cocalinho discute e delibera a respeito das questões burocráticas do quilombo. Para se associar, a exigência é que todos sejam quilombolas pertencentes ou residentes do quilombo Cocalinho.

174

No centro cultural da comunidade Cocalinho também são realizadas reuniões da associação e cursos de capacitações para os moradores do quilombo. É o espaço onde acontecem os eventos culturais na comunidade em datas específicas, como as celebrações do Dia da Consciência Negra,³ que é festejado com várias apresentações culturais da comunidade, como rodas de capoeira, místicas, apresentações de grupos musicais, dança do lindô e outras práticas culturais.

³ O Dia da Consciência Negra, instituído oficialmente pela Lei nº 12.519 de 10 de novembro de 2011, tornou-se uma data para lembrar a luta dos negros brasileiros contra a opressão, o preconceito e a luta por direitos. A data escolhida (20 de novembro) é em alusão à morte de Zumbi líder do Quilombo Palmares que foi assassinado pelas forças hegemônicas em 20 de novembro de 1695.

Figura 2 - Centro Cultural da comunidade Cocalinho

175

Fonte: Josione Pereira da Silveira, 2021.

COMUNIDADE QUILOMBOLA COCALINHO: antecedentes históricos

Neto (2001) comenta que a ocupação do chamado norte goiano por povos não indígenas data se do final do século XVI ao início do século XVII; isso ocorre a partir do interesse dos jesuítas em catequisar indígenas e do interesse dos bandeirantes em explorar regiões distantes do Centro-Sul do Brasil. Durante esse período, esses exploradores utilizavam-se das águas do Rio Araguaia e do Rio Tocantins para chegarem na região do Bico do Papagaio.

As migrações que povoaram a região da comunidade quilombola Cocalinho partiram dos estados do Piauí, Maranhão e Ceará em direção ao então chamado norte goiano em busca de terras devolutas. Os romeiros acreditavam que nessa região remota do Brasil havia grandes extensões de terras férteis onde poderiam plantar e colher sem as interferências ocasionadas por longas e severas secas

muito recorrentes no Piauí e em partes do Maranhão. Essas migrações tinham também em sua essência o aspecto místico-religioso. Eram descendentes de escravos que sonhavam em encontrar melhores condições para plantio de roças e praticar sua cultura sem interferências e perseguições aos seus costumes ancestrais.

Em alusão à promessa de Deus a Abraão, descrita no livro de Gênesis, em que Deus diz: “[...] sai de sua terra, da tua parentela e da casa do teu pai para a terra que eu te mostrarei” (Gênesis 12: 01), a romeira beata Antônia Barros, convencida de suas visões e sonhos, alude outros romeiros a iniciarem uma jornada em busca da tão sonhada terra que apontava para a região do norte goiano na divisa com o estado do Pará. Acreditava-se que lá havia uma terra onde tudo que se plantava se colhia. Nas visões da beata, havia um morro sagrado que demarcava o sonhado território. Com esse pensamento, os romeiros partiam em direção às sonhadas terras férteis, como afirma OLIVEIRA:

A saga dos romeiros do Morro Santo acabou se espalhando por toda região a partir da história da beata Antônia, tornando-se motivo de atração daqueles que, de alguma maneira, tinham relação com o movimento messiânico. Nesse caso, a romaria passa a ser um fator de mobilização, perceptível quando observamos a trajetória dos pioneiros da comunidade de Cocalim e a devoção destes em relação ao Padroeiro Padre Cícero Romão Batista. O movimento dos romeiros para a região começou com uma senhora que afirmava ter sido orientada por Padre Cícero Romão Batista do Juazeiro do Norte-CE. Segundo relatos dos moradores, o santo padre teria se comunicado como uma beata que morava na cidade de Filadélfia-TO e dito a ela para ir procurar um Morro Santo, situado próximo ao Rio Araguaia, local onde deveria viver com a sua família. A história da beata Antonia Barros de Sousa, ou Antônia Tapuia, como ficou conhecida na região, espalhou-se por toda a cidade de Filadélfia, divisa da região nordeste do estado do Tocantins com o sudeste do Maranhão. Essa área era predominantemente ocupada por uma população rural que vivia como agregada nas grandes fazendas de gado, como foi demonstrado anteriormente. Eram meeiros, arrendatários e agregados oriundos de um campesinato negro que vivia nas fazendas de gado da região. (2018, p. 140).

Além deste aspecto místico-religioso, os romeiros também se sentiam encorajados a migrar para o então norte goiano por conta dos relatos de viajantes que passavam pela região e levavam notícias sobre as imensas áreas de terras férteis que eram livres de cercamento e livres de secas severas. A remanescente quilombola do Cocalinho (SILVA, 2019, p. 17) comenta sobre os primeiros moradores da comunidade:

Assim que chegaram perceberam que era um lugar bom para viver, porque era rico em água e terra boa para a produção agrícola. Na época a comunidade usou uma área considerável de terras [...]. A produção de cada família a cada ano ocorria em locais diferentes para que a vegetação nativa da terra que recebeu o plantio no ano anterior crescesse novamente. (SILVA, 2019, p. 17).

O que impulsionava a beata Antônia Barros e os romeiros a se direcionarem rumo ao desconhecido Morro Sagrado era uma profecia do Padre Cícero, o qual pregava que, no fim dos tempos, os romeiros deveriam migrar em busca das chamadas “bandeiras verdes” que apontavam para a Amazônia.

Acreditando piamente nessa profecia do santo padre, romeiras e romeiros, liderados pela beata Antônia Barros, iniciam a grande jornada e, ao chegarem na terra prometida — ou seja, na região do morro sagrado — começaram a plantar roças para suas subsistências. Conforme as famílias de romeiros iam chegando no sonhado território, esses migrantes iam se espalhando ao redor do sagrado morro, formando, assim, as comunidades quilombolas Dona Juscelina, Pé do Morro, Baviera e Cocalinho. Neto e Sousa (2022, p. 8) asseveram que:

Essa migração para o Oeste brasileiro em direção à Amazônia oriental antecede a abertura de estradas e a chegada de fazendeiros o que reforça uma das características da profecia da Terra livre para plantar e viver. A romeira Antônia Barros de Sousa com garra e resistência e liderou a missão ao morro para encontrar o Santo Cruzeiro posteriormente conhecido como morro da velha em sua menção, este se localizaria nas bandeiras verdes, guiada por padre Cícero e ela deveria encontrá-lo e ali fixar moradia juntamente com os demais romeiros e romeiras. (NETO e SOUSA, 2022, p. 8).

Os autores ainda asseveram que logo após os migrantes romeiros e romeiras chegarem na região, houve uma repartição das terras para a formação de roças. Paradoxalmente, a partir dos anos de 1960, com a inauguração da rodovia federal BR-153, também conhecida como Belém-Brasília, houve grande migração de latifundiários vindos do Centro-Sul do Brasil com interesses de apropriação destas imensas terras pertencentes ao governo para fins capitalistas.

Figura 3 - O Morro Sagrado ou Morro da Velha. Fotografia tirada a partir da perspectiva do centro da Comunidade Cocalinho.



Fonte: Josione Pereira da Silveira, 2023.

Nas décadas que se seguiram, mais famílias foram chegando à comunidade Cocalinho. Antigos moradores da comunidade relatam que as migrações do Piauí e do Maranhão para a região do Cocalinho não era nada fáceis. As primeiras jornadas migratórias eram realizadas a pé ou no lombo de animais, e esses migrantes enfrentavam imensas dificuldades como falta de alimento, doenças, calor, chuvas intensas etc.

Os migrantes a partir dos anos de 1970 em diante já podiam realizar suas jornadas migratórias por meio de transportes rodoviários com caminhões paus-de-arara e locação de carro e ônibus; todavia, esses migrantes também enfrentavam muitos problemas, como atoleiros e veículos que quebravam por conta do péssimo estado das estradas de terra.

Inicialmente, a comunidade Cocalinho surgiu a partir da chegada de quatro famílias, as quais construíram as primeiras quatro casas da comunidade. Esses primeiros moradores plantavam roças para sua subsistência. Chegaram à região quando ainda não havia estradas. As viagens nesse período eram feitas apenas com o uso de cavalos, jumentos e mulas, onde eram amarrados os jacás para o transporte de alimentos. As jornadas eram realizadas durante o dia e, ao cair da noite, procuravam-se um local para descansar. Os primeiros moradores plantavam arroz, milho, feijão e fava.

QUILOMBOLAS E A QUESTÃO DO TERRITÓRIO: o caso da Comunidade Quilombola Cocalinho

De acordo com o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, o território quilombola consiste em terras ocupadas por remanescentes de quilombo que servem para garantir a subsistência econômica, social e cultural dos quilombolas. Em seu art. 2º, o decreto declara que:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

É no território quilombola onde acontecem as práticas sociais e onde os valores culturais são comungados, o que corrobora o pensamento de Little (2004) quando nos conta que, nos territórios sociais, são encontrados vínculos sociais simbólicos e rituais afirmando o território como um espaço carregado de sentimento e significado. O autor Haesbaert (2021) assevera que os territórios dos povos tradicionais, como os quilombolas, são construídos com abordagens epistêmicas diferentes do modelo eurocêntrico difundido pela ideologia dominante. Não obstante, cada comunidade quilombola tem seus modos próprios de existir dentro de seu território.

179

O controle sobre a terra se faz grupalmente sendo exercido pela coletividade que define sua territorialidade com base em limites étnicos fundados na filiação por parentesco, a missão de valores e de práticas culturais e principalmente da circunstância específica de solidariedade e reciprocidade desenvolvidas no enfrentamento da situação de alteridade proposta pelos brancos. (BANDEIRA, 1991, p. 8, *apud* LITTLE, 2004, p. 262).

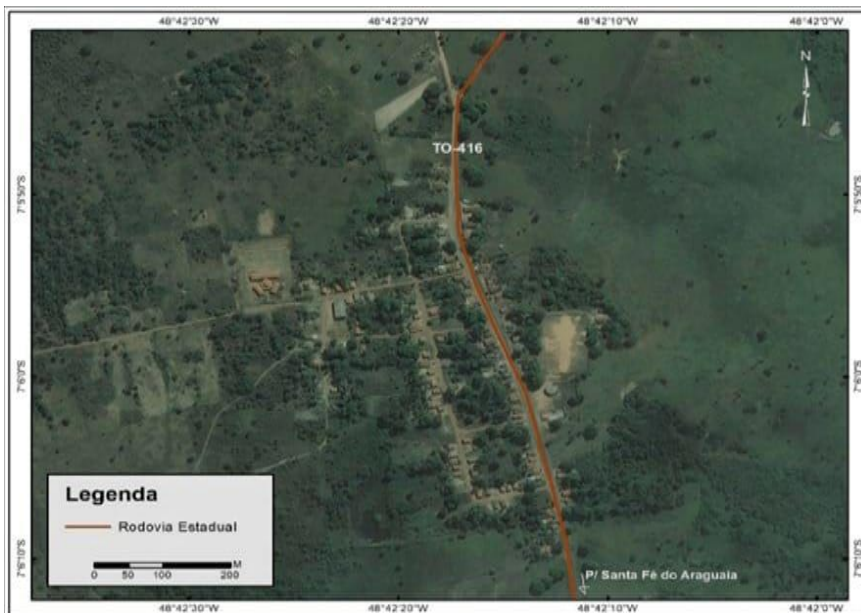
O território quilombola é um território comum a todos os moradores do quilombo onde todos têm acesso aos bens naturais, como córregos, floresta e recursos naturais. Não obstante, Little (2004) nos lembra que cada comunidade quilombola possui regras próprias em relação ao uso dos recursos naturais inseridos no território comum; todavia, o que é produzido dentro do território pode pertencer ao indivíduo que produziu e a sua família. Saquet (2007) salienta que o território é o resultado das ações humanas em uma dada sociedade que demarca e organiza o espaço cultural e economicamente.

Os quilombos surgiram, no Brasil, no período colonial e imperial, sendo um espaço construído por escravos negros africanos e seus descendentes nascidos no

Brasil que fugiam da escravidão. Esses faziam dos quilombos ou mucambos seus espaços de liberdade social, cultural e espiritual. O quilombo de Palmares, por exemplo, chegou a reunir cerca de 20 mil habitantes, tornando-se o maior símbolo de resistência no final do século XVI e durante o século XVII.

Na atualidade, apesar de legislações como o referido Decreto nº 4.887/2003 e o texto constitucional (que reconhece o território quilombola), o que vemos na prática são poucos territórios quilombolas que possuem demarcação oficial. O reconhecimento e a demarcação dos territórios quilombolas são de suma importância para que estes povos tradicionais possam garantir seus modos de existir, suas culturas e suas identidades, o que corrobora o pensamento de Almeida (2008) ao argumentar que a identidade e a cultura são indissociáveis do território.

Mapa 1 - georreferenciado da localização do Quilombo Cocalinho (2020)



Fonte: Imagem do Google Earth. Disponível em https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Imagem-de-satelite-da-area-onde-vive-a-comunidade-de-Cocalinho-Fonte-Google_fig1_347309596

O território da comunidade Cocalinho sofreu grandes alterações no curso da história. Seu território atualmente está reduzido a uma pequena porção onde se encontram as residências dos moradores como mostra o mapa anterior.

A remanescente do quilombo Cocalinho (Silva 2019) comenta que esse quilombo perdeu parte de seu território em conflitos com fazendeiros que circundavam e que circundam a região. Para Silva (2019), ao perder parte do território para o agronegócio, muitos moradores foram embora da comunidade para trabalhar nas cidades por conta da falta de terras para o plantio de roças. Silva (2019) ainda argumenta que a demarcação do território do Cocalinho seria de suma importância para a preservação dos costumes do quilombo. Moradores da comunidade contam que, antigamente, havia muitos espaços para plantar e que o território era um espaço comum a todos os moradores. Dona Doralice, uma pioneira do quilombo Cocalinho, ao caracterizar o território dessa comunidade quilombola, nos conta em entrevista:

Aqui nos arredores era chei de mata. Nós criava porcos no meio da rua. Não tinha gado. Nossa criação só era os porcos. O arroz era plantado nas baixada. Plantava arroz, mandioca, milho, feijão e fava. As roça era feita nas clareiras das mata. Da entrada da comunidade até o centro havia muita mandioca plantada. As roça era feita nas abertura da mata. Tinha muita fartura. A terra era comum. Hoje não tem mais fartura. Só tem pasto e muito pouco babaçu. (DORALICE GOMES DA SILVA, 2022).

A matriarca Dona Doralice ainda nos conta que:

Do outro lado tinha uma mata. Era mata até chegar na fa”zenda Novo Horizonte. [...] Depois que o Antônio Gaiola foi vereador ele abriu a rua de trás. Aqui foi crescendo, mas quando nós chegemo aqui era chei de mato. Tinha um olho d’água aqui embaixo que ainda hoje tem, mas que ninguém bebe mais por conta da encanação feita nas casa. Mas a mata era aqui do lado. Quando chegemo aqui tinha muito babaçu. Nós usava o babaçu para fazer óleo e cobrir as casa com as paias. Do louro nois tirava os cavaco para cobrir algumas casa. Tinha poucas casa coberta de louro, mas a maioria era coberta de paia de babaçu. (DORALICE GOMES DA SILVA, 2022).

EXPRESSIONES CULTURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA COCALINHO: a dança do lindô

A historiografia brasileira pouco deu importância aos costumes culturais ligadas às camadas mais pobres da sociedade. Na história oficial do Brasil, estão ausentes muitas expressões das danças produzidas pelas camadas populares (Brasileiro, 2010). Nossa história é marcada por fortes preconceitos contra as expressões artísticas e culturais, principalmente no que se refere aos afro-descendentes; que o digam as severas perseguições e punições exercidas pelas

forças hegemônicas que perseguiram os negros brasileiros que praticavam a capoeira, as batucadas e que dançavam samba.

Foram mais de 350 anos de escravização do povo negro no Brasil, com reflexos bem nítidos na organização social, política e cultural do país até os dias atuais. Todas as manifestações culturais negras em algum momento da história foram proibidas. A capoeira, o samba e o candomblé foram criminalizados e duramente perseguidos mesmo depois da abolição. A implementação de penitenciárias e manicômios veio para servir aos propósitos de uma política higienista. Mulheres e homens negros foram submetidos a torturas físicas e psicológicas, privados de seus modos de ser e existir, transformados em objetos sexuais, apartados de suas famílias.” (WILLIAM, 2019, p. 42).

Por conta desses preconceitos, poucos são os registros escritos no que se refere às origens das expressões culturais dos chamados povos subalternizados. Estes saberes populares foram e ainda são repassados de geração em geração a partir da oralidade, como é o caso da dança do lindô no quilombo Cocalinho.

As danças tradicionais brasileiras estão intimamente ligadas aos aspectos religiosos, especialmente no que se refere ao sincretismo religioso que mistura os cânones do catolicismo trazido pelas ordens religiosas e as manifestações culturais dos índios e dos afro-brasileiros. Essa mistura de costumes culminou no chamado catolicismo popular. Festas e danças populares no Brasil, como a Festa do Divino, a Súcia⁴, as Festas Juninas, a Folia de Reis e o Lindô são exemplos de festas e danças que têm suas origens no catolicismo popular.

O quilombo Cocalinho traz consigo expressões culturais, tanto materiais como imateriais, herdadas dos ancestrais desde os tempos em que pioneiras e pioneiros do Quilombo ainda viviam no Maranhão e no Piauí. Nos seus relatos, esses pioneiros contam que aprenderam os saberes ancestrais como a prática da dança do lindô observando seus pais dançarem, o que corrobora o pensamento de Hall (2016) quando aborda que a cultura é um conjunto de práticas, produção e trocas de sentidos e significados entre pessoas de uma certa comunidade. Hall ainda comenta que “[...] afirmar que dois indivíduos pertencem à mesma cultura equivale a dizer que eles interpretam o mundo de maneira semelhante.” (p. 20).

⁴ A dança súcia ou suça é uma dança tradicional do estado do Tocantins reconhecida como patrimônio nacional. A súcia é dançada em formato de círculo tal qual a dança do lindô e é muito praticada nos municípios de Natividade e Monte do Carmo.

A dança do lindô está presente em comunidades tradicionais do estado do Tocantins, todavia, é na comunidade quilombola Cocalinho que esta dança tem maior expressividade.

No quilombo Cocalinho, a dança do lindô chegou por intermédio da família da Dona Francisca Maria da Conceição — ou Dona Chica, como é mais conhecida no quilombo. Em entrevista, a dançarina de lindô Aldenora Pereira, filha da Dona Chica, relata:

Foi o meu pai que também trouxe o lindô. Ele apreendeu no Maranhão. Essa dança é do Maranhão. Aí como ele veio pra cá ele já trouxe de lá. Chegou aqui ele passou a ensinar as outras pessoas. Como era uma diversão, aí eles passaram a dançar naqueles grupinhos de pessoa na Semana Santa, às vezes nas noites de lua cheia ou lua bonita. (MARIA ALDENORA PEREIRA DA SILVA, 2022).

De acordo com a quilombola Silva (2019) residente do quilombo Cocalinho, a dança do lindô é a expressão cultural que os moradores mais se sentem lisonjeados de ter na comunidade nos dias atuais; ao contrário de outros saberes culturais do quilombo que se têm perdido ao longo do tempo. Nas palavras do dançarino do lindô, Aleriano da Silva, observamos como essa dança é importante para a comunidade:

O lindô aqui no Cocalim é muito bom. Eu gosto demais do lindô. Pra mim é bom demais ainda mais quando vem gente de fora ou quando nois vai apresentar em outra cidade. A gente parece que vai com mais cuidado pra gente não errar. Sempre falo pros nosso companheiro do nosso grupo: ‘vai ter gente de fora e hoje nós vamo fazer de tudo pra gente não errar. O lindô, se desencabeçar um, todo mundo erra. O porém do lindô, é isso aí. Se o primeiro errar, todo mundo erra. Tem que ter ensaio por obrigação. Ainda mais quando se sai pra fora aí. Aí tem que ensaiar pelo menos duas vez por semana ou uma vez pois se errar um, erra todo mundo [...]. É tudo bem ensaiadinho na hora de começar e na hora de encerrar. (ALERIANO PEREIRA DA SILVA, 2022).

Moradores da comunidade quilombola Cocalinho contam que, nos tempos passados, a dança do lindô era mais praticada na Semana Santa e durante as celebrações do dia do padroeiro. Durante esse período, era mais comum que a prática da dança do lindô estivesse intercalada com os ritos e festejos religiosos, que duravam até a alta madrugada ou mesmo até o raiar do dia do Sábado de Aleluia.

Nois pulava mais na Sexta-Feira Santa. Começava umas nove horas e terminava meia noite porque tinha uma reza que é uma tradição aqui de muitos anos da gente. A reza quando não é na igreja é aqui na casa da mãe. Aí amanhece o dia. Aí a gente

vai até uma hora ou duas horas no lindô e aí para. Daí vamos rezar até amanhecer o dia. (ALERIANO PEREIRA DA SILVA, 2022).

Na comunidade quilombola Cocalinho, há o grupo de lindô infantil e o grupo de lindô dos veteranos. No grupo de lindô dos veteranos é comum ter dançarinos de pouca idade o que corrobora com o pensamento de Antônio Bispo dos Santos (2015) o qual comenta que nas práticas culturais de povos tradicionais não há espaços para hierarquias. As práticas culturais na comunidade Cocalinho são aprendidas pelas gerações mais novas a partir da observação e da prática da oralidade. Crianças e adolescentes aprendem dançar o lindô observando os veteranos dançarem.

O CANCIONEIRO LINDÔ na Comunidade Cocalinho

A dança do lindô é uma dança muito parecida com as antigas brincadeiras de rodas. A dança é realizada a partir da formação de pares — um homem e uma mulher — que, organizados em círculo, dançam, sapateiam e cantam em uníssono o repertório das músicas do lindô. No decorrer da dança, os pares vão andando em círculo e trocando de pares, cantando e dançando alegremente.

As cantigas do lindô têm estreita relação com o território do quilombo Cocalinho, pois o território é um espaço de identificação de seus laços solidários e ajuda mútua (ALMEIDA, (2008). São cantigas que retratam a relação dos moradores com a natureza ao redor; são cantigas que narram, em suas letras, o cotidiano de mulheres e homens do passado e do presente; cantigas que narram as alegrias e tristezas; ritmos pulsantes evidenciados nas batidas fortes e firmes dos pés ao chão, que os lembram da luta pela demarcação do seu território.

A dança do lindô, no quilombo Cocalinho, diferentemente do lindô praticado em outras comunidades no Tocantins e no Maranhão, não possui acompanhamento de instrumentos musicais, como tambores, violões etc. O ritmo das músicas é marcado pelos sapateados fortes dos homens e pelas pisadas das mulheres. Cada música que compõe o imenso repertório do lindô possui letras e melodias diferentes. As letras de cada cantiga são curtas e, por isso, cada cantiga é cantada várias vezes antes de mudar para outra. Durante a dança, todos que estão na roda do lindô cantam em uníssono e, às vezes, uma parte dos brincantes apenas responde ou canta o refrão das cantigas.

A seguir, elencamos algumas cantigas que fazem parte do vasto cancionário da dança do lindô que são entoadas pelos participantes no quilombo Cocalinho.

Cantiga 1
 Pau pereira, Pau pereira
 Faz a sua opinião
 Todo pau flora e cai
 Só o do Pereira não.

Cantiga 2
 Ô Nega malvada tu matou meu gavião
 Ô Nega malvada tu matou meu gavião
 Foi tu nega? Não foi eu não
 Foi eu não
 Foi tu nega que matou meu gavião

Cantiga 3
 O Cajueiro arriba o galho
 Cajueiro abalou
 Deixa meu gado passar
 Que ele vem de muito longe
 Vem do sertão pro Ceará

Cantiga 4
 Eu rodei, rodei
 Rodei pelo laço
 Na fita amarela
 Eu rodei, rodei
 Na fita amarela
 Ô menina me dá um beijo
 Rodei pelo laço
 Que eu te dou o meu amor
 Rodei pelo laço

Cantiga 5
 Casa de palha queima
 Queima, mas não queima
 Se queimar eu boto telha
 Queima, mas não queima

Das cantigas elencadas, destacamos a Cantiga 5 que muito nos lembra das narrativas dos moradores mais antigos do quilombo Cocalinho; esses narram que, no passado, a imensa maioria das casas do quilombo era construída de barro e coberta por cavacos de madeira e palhas da palmeira babaçu. Narram que, no

período de estiagem — entre os meses de junho, julho, agosto e setembro — era muito comum as casas pegarem fogo, o que causava muita tristeza e angústia nos moradores que, com baldes e água, corriam contra o tempo para tentar salvar as residências em chamas.

Entrevistados do grupo do lindô veterano contam que, no passado, os praticantes ou brincantes do lindô tinham, durante a dança, o hábito de improvisar letras e melodias; todavia, relatam que, atualmente, os repentes ou as improvisações quase já não são feitos.

Na época do meu pai vejo diferença é só nas músicas. As músicas têm diferença na época do pessoal mais velho que dançava pois eles eram mais sábios. Na música do lindô eles cantavam verso, eles falavam poemas, e entravam assim tudo na música. Eles faziam repente na mesma hora improvisavam e criavam ali e dava certo. (MARIA ALDENORA PEREIRA DA SILVA, 2022).

Como relatado em linhas anteriores, a dança do lindô já foi mais intensamente praticada no passado e estava muito mais ligada às festas religiosas; todavia, ainda hoje é a principal expressão cultural da comunidade quilombola Cocalinho. Na atualidade, a dança do lindô continua ligada aos festejos religiosos, mas também é praticada em apresentações culturais dentro ou fora da comunidade.

186

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA NA COMUNIDADE COCALINHO: uma celebração

Na comunidade Cocalinho, o Dia da Consciência Negra é celebrado com muito entusiasmo com eventos culturais organizados pela Associação⁵ dos moradores e a Escola Municipal Emanuel. É uma data celebrada com passeata e apresentações culturais no salão do Centro Cultural onde se destaca o momento da dança do lindô.

⁵ A Associação do Moradores da Comunidade Cocalinho foi criada em 2006 e, segundo contam, atualmente tem cerca de 200 moradores associados. A Associação tem estatuto próprio e atualmente funciona nas dependências do Centro Cultural da comunidade.

Figura 4 - Passeata do Dia da Consciência Negra em 20 de novembro de 2021.



Fonte: Josione Pereira da Silveira, 2021.

Os moradores da comunidade têm o costume de fazer uma passeata para iniciar a celebração; esse é o primeiro ato comemorativo que sempre se inicia por volta das 17h. Os participantes, com o auxílio de um microfone conectado a um carro de som, ao caminhar, cantam canções temáticas que apontam para a exigência ao respeito aos afrodescendentes da comunidade e do Brasil.

Irá chegar um novo dia, um novo céu uma nova terra, um novo mar/ E nesse dia os oprimidos a uma só voz irão cantar/ Na nova terra o negro não vai ter corrente/ Na nova terra o negro, o índio e o mulato, o branco e todos vão comer no mesmo prato.

Durante a passeata do Dia da Consciência Negra do ano de 2021, pelas ruas da comunidade, moradores do quilombo paravam em frente de residências onde prestavam homenagens aos moradores mais antigos considerados guardiões dos saberes ancestrais do quilombo Cocalinho. Uma das homenagens feita pelos caminhantes da passeata foi para a Dona Maria José da Conceição mais conhecida como Mulher do Roque que na ocasião se encontrava sentada em frente à sua casa:

Mulher guerreira. Uma das primeiras mulheres a chegar aqui na comunidade. Matriarca que, por muitas e muitas vezes intercedeu, defendeu essa comunidade através dos seus terços longos. Quantas e quantas vezes que nós jovens reclamávamos que os terços dela era demorado que faltava não acabar. Mas isso, tia, nós só temos a agradecer a senhora [...]. Com 97 anos temos orgulho de ter a senhora aqui na nossa comunidade [...]. (MARIA DO ESPÍRITO SANTO-locutora do evento-, 2021).

Durante a caminhada, os caminhantes também prestaram homenagens ao saudoso Paulo Neves morador da comunidade Cocalinho que, infelizmente, veio a falecer por conta de complicações provenientes da infecção pela covid-19. As celebrações do Dia da Consciência Negra, em 2021, marcaram o retorno das celebrações após um ano sem comemorações por conta da pandemia.

Figura 5 - Grupo de veteranos do lindô dançando na celebração do Dia da Consciência Negra no Centro Cultural da comunidade Cocalinho na noite de 20 de novembro de 2021.



Fonte: Josione Pereira da Silveira, 2021.

O grupo de lindô de veteranos também costuma fazer apresentações em universidades ou em ações culturais em cidades próximas da comunidade Cocalinho, como Santa Fé do Araguaia, Muricilândia, Araguaína e na capital Palmas.

CONSIDERAÇÕES Finais

Pelo que pudemos constatar, o quilombo Cocalinho vem lutando para o reconhecimento e a demarcação de seu território por parte do Estado brasileiro e, assim, manter viva suas tradições ligadas às ancestralidades, como o caso da dança do lindô, afinal, é no território que as identidades são fortalecidas.

A luta pela demarcação do território e a preservação de costumes antigos é uma luta de mulheres e homens do quilombo Cocalinho que almejam o fortalecimento de suas identidades por meio do exercício da cidadania; esses são aspectos de suma importância para que gerações futuras não percam costumes ancestrais.

Percebemos que a comunidade quilombola Cocalinho luta pela preservação de seus saberes e fazeres culturais frente às enormes transformações sociais, econômicas e culturais impostas pelo avanço da globalização, impulsionadas pelas novas tecnologias que vêm mitigando costumes antigos ao longo das últimas décadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. W. B. *Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas*. 2. ed. Manaus: PGSCA/UFAM, 2008.

BRASILEIRO, L. T. *A dança é uma manifestação artística que tem presença marcante na cultura brasileira*. Campinas: Pró-posições, v. 21, n. 3 (63), p. 135-153, set/dez. 2010.

HAESBAERT, R. *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”*. Buenos Aires: CLACSO, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/geografares/2120>. Acesso em 27 jan. 2021.

HALL, S. *Cultura e representação*. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LITTLE, P. E. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade*. Anuário Antropológico 2002/2003. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

NETO, A.T. *Os Caminhos de Ontem e de Hoje em direção a Goiás-Tocantins*. Boletim Goiano de Geografia. 21(1): 51-68. jan./jul. 2001.

NETO, M. P.; SOUSA, E. S. *As trajetórias dos/das romeiros/as negros/as e as bandeiras verdes: Missão e romaria no norte do Tocantins*. XX Encontro nacional de geógrafas e geógrafos. Ano: 2022.

OLIVEIRA, G. A. *Pegos a laço: identidade, deslocamento e luta pela terra no quilombo de Cocalinho*. 2018. 261f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp. Marília, 2018.

SANTO, M. E. Discurso durante a passeata em homenagem à matriarca da Comunidade Quilombola do Cocalinho na ocasião da celebração do Dia da Consciência Negra. Santa Fé do Araguaia (TO), 2021.

SAQUET, M. A. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão popular, 2007.

SILVA, B. A. Nova cartografia social da comunidade quilombola cocalinho-Santa Fé do Araguaia (TO): uma perspectiva a partir da luta e resistência pela demarcação territorial. 2019. TCC (Licenciatura em Educação do Campo-Códigos e Linguagens, Artes e Música) - Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis/TO, 2019.

SILVA, D. G. Entrevista concedida a Josione Pereira da Silveira. Quilombo Cocalinho, 23 jul. 2022.

SILVA, A. P. da. Entrevista concedida a Josione Pereira da Silveira. Quilombo Cocalinho, em 1 nov. 2022.

SILVA, M. A. P. Entrevista concedida a Josione Pereira da Silveira. Quilombo Cocalinho, em 1 nov. 2022.

WILLIAM, R. *Apropriação cultural*. São Paulo: Pólen, 2019. 208 p. (Feminismos Plurais/coordenação de Djamilá Ribeiro).

Artigo Recebido em: 23 de maio de 2023.

Artigo Aprovado em: 08 de outubro de 2023.